Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

31 de Julho a 13 de Agosto de 2018 | Nº 166 | Ano VI • Director: José Luís Mendonça • ..... Kz 50,00

ARTES Pág. 10 a 11

RUI DE MATOS DÁ NOME A GALERIA

ECO DE ANGOLA Pág. 3 e 4

O "PENSADOR" NA SOCIEDADE ANGOLANA

ARTES Pág. 12 a 13

JÚRI DO PRÉMIO ENSARTE 2018

EXCESSO DE ZELO MODERNISTA

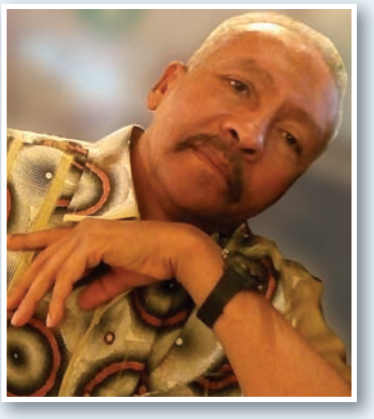
ARTES Pág. 11

"TEMPLO DE AQUÁRIO"

A ÁFRICA EM QUESTÃO

Pág. 9

TONY CAETANO "UAFUÁ"



José Luís Mendonça

Nelson Mandela

Nelson Mandela, meu pai, não digas nunca
aí no Olimpo dos deuses que te cercam
esta é a minha pátria, o meu descanso, tu nunca
tiveste uma só pátria, tão pouco
soubeste descansar, passaste a luta
dos cem anos para a eternidade
dos relógios de areia que nós somos.

O teu perdão Ubuntu desactiva
na oficina da Justiça a bomba atómica
da Corrupção e do Estado
da fome e do desprezo pelo Homem.

Aqui estás, meu pai Mandela, a me sorrir
jamais precisei apertar a tua mão
um homem como tu está sempre vivo
naqueles que amparam a Dor da Humanidade
podem passar outros cem anos que a esperança
quase khoisan dos teus olhos guiará
os rostos que tecendo vão a luz do Sol.

Luanda, 18 de Julho de 2018

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 166/Ano VI/ 31 de Julho a 13 de Agosto de 2018
E-mail: cultura.angolana@gmail.com
site: www.jornalcultura.sapo.ao
Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:
José Luís Mendonça
Editores:
Adriano de Melo e Gaspar Micolo
Secretária:
Ilda Rosa
Fotografia:
Paulino Damião (Cinquenta)
Arte e Paginação: Jorge de Sousa,
Alberto Bumba e Sócrates Simóns
Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: Arlindo Barbeitos, Carlos Mesquita, Leonel Cosme, Lito Silva, Mafrano, Manzambi Vuvu Fernando

FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

AFREAKA
AFRICULTURES, Portal e revista de referência
AGULHA
CORREIO DA UNESCO
MODO DE USAR & CO.
OBVIOUS MAGAZINE

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e recensões bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade

EDIÇÕES NOVEMBRO E.P.
JORNAL DE ANGOLA | JORNAL DOS DESPORTOS

Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção 222 02 01 74 |Telefone geral (PBX): 222 333 344
Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior
José Alberto Domingos
Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril
Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores Não Executivos

Olímpio de Sousa e Silva
Catarina Vieira Dias da Cunha

O "PENSADOR" NA SOCIEDADE ANGOLANA

MANZAMBI VUVU FERNANDO
(PHD) ANTROPÓLOGO/MUSEÓLOGO
DOCENTE UNIVERSITÁRIO

Kuku, "Pensador"
Escultura original,
Museu do Dundu
(1936)

A estatueta cokwe com a designação de "Pensador", em língua portuguesa, caracteriza-se pela grande qualidade, rigor e dedicação, atributos inegáveis na sua execução.

Por este facto, a mesma tem vindo a ser sujeito às mais variadas interpretações, quer pelos artistas, quer pelos artesãos, quer pelos amantes da arte e, em particular, pela sociedade angolana.

A nível do órgão do Governo angolano que dita e orienta a política cultural do país, o "Pensador" foi adoptado como símbolo da Cultura Nacional, muito embora esta designação seja atribuída a obras artísticas, encontradas em muitas partes do mundo, como ilustraremos mais adiante.

Com esta designação, as esculturas angolanas são representadas, geralmente, por um homem sentado, de pernas cruzadas, uma mão no quadril, o braço direitoou esquerdo apoiado sobre o joelho, com a mão fechada a nível de queixo, ou por um homem sentado com as pernas dobradas sobre as quais as duas mãos juntas seguram a cabeça, a qual se mantém numa posição inclinada.

O "Pensador" no Mundo

Em sentido genérico, a obra com a primeira designação de "Pensador" é atribuída à escultura intitulada "Penseur", a qual e para uma melhor compreensão da mesma, citaremos um pequeno excerto do DictionnaireLarousse: "Penseur, (le) (IlPensieroso)nome atribuído à principal figura do tombo de Lorenzo de Medici. Ela representa o DuqueLorenzo, sentado e mergulhado numa meditação profunda. Esse tombo estáem Florença, Medici, na Igreja de SanLorenzo. É aí, onde se encontram os dois monumentos que, entre as obras primas de Miguel Ângelo, aparece a de Julien,Duque de Nemours, filho de Lorenzo "o Magnífico" e o outro monumento é o de Lorenzo, Duque de Urbino, pai de Catarina de Medici. Ambos, apresentam-se sentados e Lorenzo na sua posição em meditação foi designado por "IlPensieroso".Em 1880,foi executada uma escultura em gesso, por AugusteRodin, escultor francês (1840-1917), com o nome dePenseur representada por um homem nu, simbolizando a universalidade do pensamento e da masculinidade, conexandoo exercício da mente àquele do corpo.

Rodin foi dominado por uma concepção particular da forma que o fez submeter todos os aspectos da obra a esculpir na procura dos "perfis" expressivos, concebendo ser o exterior da mesma, a extremidade de um volume. A sua obra prima "lePenseur" é caracterizada pelo génio dos movimentos audaciosos e insólitos que foram elaborados num permanente respeito pelo equilíbrio de massa.

A escultura original, feita por volta de 1880, medindo 71,5 cm de altura, foi exposta pela primeira vez em Copenhague em 1888. O primeiro casting de bronze foi concluído em 1902, colocado em frente ao Panteão, antes de ser transportado em 1922 para o hotel Biron (Paris), transformado num museu, o de Rodin.

A História do "Pensador" em Angola

Em 1932, no âmbito deuma missão científica no Sul de Angola, visando a pesquisa de objectos da cultura material,uma equipa do Museu de Neuchâtel - Suíça integrada por ThéodorDelachaux,observou uma figurinha no cesto de "adivinhação" [(Ngomboyacisuka(de origem Cokwe)], a quem atribuíu o nome de "Penseur", concedendo-lhe um carácter muito específico sobre a sua estilização .

Foi nestas circunstâncias que seencontrou pela primeira vez uma escultura antropomórfica neste cesto de consulta, na regiãodo Kunene ,que traduzimos por "Pensador". As informações acerca do "Pensador"revelam as dificuldades encontradas pelos primeiros estudiosos na identificação de bens culturais. Em 1936, J. Redinha, Director do Museu do Dundu, recolheuemSacombo no Cingufo (Citatu) uma escultura que identificou por KalambaKuku (escultura de velho em "meditação" abandonado pela família) . Observou que os "advinhadores" usavam uma peça de forma idêntica a que dão o nome de "SáIchimo" (sic).

A denominação "Pensador" dimensiona-se e Mário Fontinha, funcionário do Museu da Companhia de Diamantes de Angola (DIAMANG), utiliza o mesmo nome "Pensador" e designa a mesma escultura de Kuku ou Kalamba, chamando-lhe em (língua portuguesa) "Adão-Pensador"(Antepassado-Pensador). No seu trabalho sobre Desenhos na Areia ,identifica-a nos desenhos de areia dos cokwe, sob a forma de uma figura semelhante à do cesto de "adivinhação"dos cokwe .O "Pensador"na sociedade Cokwe, reflecte a posição agachadada escultura- Kuku , as mãos postas na cabeça, apresentando a expressão de um ancião solitário, numa posição de profunda meditação, que é designado por Kuku, (Bisavô, Trisavô, Tetravô, Pentavô,etc...).

Qual é a Origem do "Pensador"?

Várias razões concorrem para identificar o "Pensador", como a sua Morfologia, o Contexto Sóciocultural, Religioso e Linguístico. É uma estatueta esculpida em madeira de Muhala de patine brilhante, que se apresenta numa posiçãoritualística. A configuração manifesta a expressão de um ancião solitário em profunda meditação: a cabeça inclinada para a frente, remetendo o pescoço numa posição alongada, o tronco em forma cilíndrica regular, com uma linha de concavidade marcada nas costas.

O tronco alonga-se até ao nível do quadril onde ele toma a forma cónica. No que concerne à posição dos membros, os braços e os antebraços posicionam-se em forma de um "V" oblíquo, com as mãos apoiando a cabeça. Os membros superiores tomam uma posição agachada e pernas fechadas em ligeira concavidade.A estatueta é vulgarmente designada por "Pensador". Na sociedade cokwe, o "Pensador" Kuku encontra-se noNgomboyacisuka, (cesto de "adivinhação"), sendo o cesto de consulta aos espíritos antepassadosno seu contexto religioso.

O termo "Pensador" levanta um infindável número de problemas e confusões na sociedade angolana, e em particular, na cokwe. Partindo de uma análise linguísticapara designar o Kuku, os Tucokwe não se reveêm na designação de "Pensador" da terra deNakabamba, NdumbaTembo eCisenge . Em relação ao "Pensador" Cokwe, parece ser o aspecto mais complexo, na medida em que se baseia no estudo linguístico e no contexto sócio – cultural, no qual está inserido o objecto. Além do termo Kuku, dever-se-ão ter em conta os termos: Sayiximo (admirador); Samayonga (meditador); Saxinginyeka (alguém que pensa), sendo todos eles traduzidos erradamente para "Pensador".

Contudo, não existe no Ngombo um objecto designado por Samanyonga.O Kuku é designado por pensador por uma tradução literal e pela sua morfologia no cesto. É uma tradução recente de português paracokwe, isto é, meditar, pensar, pelo facto do Kukureflectir uma atitude meditativa.Delachaux (1932),por analogia com o"Pensador" de Rodin,atribuiu ao Kuku a designação de "Pensador".

O"Pensador" no Mercado Nacional

A escultura do "Pensador" está presente em quase todo o país, inunda o mercado artesanal. Desde a sua classificação a símbolo da Cultura Nacional, ela adquiriu um valor artístico imensurável. Ela é reproduzida na maioria das oficinas e atrai a clientela turistíca. Assim, o "Pensador" deixa de ser uma produção do grupo etnolinguístico cokwe para ser considerado uma produção artesanal nacional.

Na Ilha de Luanda é frequente a reproduçãode uma quantidade enorme da escultura "Pensador", porartesãos de Kabinda, Zaire, cujo centro de produção está localizado no Soyo. Centro idêntico encontra-se noWambo e na Wíla. Como produto artesanal, os artesãos executam a sua versão em torno da origem do "Pensador", chegando mesmo a criar uma história popular do "Pensador".

É o caso de uma das versões fornecidaspor algunsartesãos das feiras deartesanato de Luanda, referindo-se ao"Pensador" como um chefe tradicional desgraçado:

"Numa das aldeias da Lunda-Norte, um Soba (autoridade tradicional) tinha recebido uma visita estrangeira. Tratava-se de um engenheiro vindo de Portugal à procura de riqueza. Sabendo que a região era rica em diamantes, o engenheiro contactou o soba na tentativa de o aliciar com bens alimentares de modo a apropriar-se de vastos terrenos para explorar diamantes. O Soba cedeu a propriedade sem o acordo da sua comunidade e o engenheiro com a sua equipe extraíram toda a área

diamantífera. No final do trabalho, com a retirada da equipe, a região foi afectada pela fome e pela desconsolação do Soba que já não sabia como justificar o estado deplorável da comunidade. A população revoltou-se e abandonou o Soba, que foi isolado e impossibilitado de reconciliar-se com o seu povo, com as mãos na cabeça, expressando a desgraça,uma posição, que justifica a escultura Pensador".(2015)

A posição agachada com as mãos na cabeça, não significa que alguém esteja a pensar. Na sociedade angolana esta posição corresponde a uma atitude de desgraça, de aflição. Em língua Cokwe, o vocábulo desgraçado significa Mwambala, Yndama, MukwaKuyndama. É um motivo evidente para caracterizar o termo "Pensador", como incorrecto e não correspondendo ao original.

Na maior parte das sociedades angolanas,Cokwe, Umbundu,Kimbundu, Nyaneka, Kongo, Ngangela, o termo "Pensador" não tem significado algum. As populações não reconhecem esta terminologia, mas sim a deKuku.Apesar dessa diversidade, o Kuku tem a mesmo significado, o que caracteriza a unidade cultural angolana na diversidade dos seus povos.

BIBLIOGRAFIA

BASTIN, M-L., 1959, "Ngombo, Notes surdesinstruments de divinationemployésdansledistrique de laLundaen Angola", Tervuren, 5,4, pp.100-106.

DELACHAUX, Th., 1936, "LaDivinationchezquelquespeuples d' Angola, (Tshokwe, Mbunda,Nyemba, Ngangela)", Bull. Schweiz. Ges. FurAnthr Ethnol.-1946, MéthodesetInstruments de Divinationen Angola, Acta Trópico III, nº 2.

DICTIONNAIRE LAROUSSE, du XXI Siécle, Quatriéme Tome, Paris, LibrairieLarousse, p. 49, 1951.

FONTINHA, M., 1983, Desenhos na Areia dos Quiocos do Nordeste de Asngola, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical.

MANZAMBI VUVU Fernando, 2012, "Origem, Expansão e Fixação das Populações Ruund, Cokwe e

Comunidades Aparentadas", Memória Viva da Cultura da Região Leste deAngola, Catálogo de Exposição Permanente do Museu Regional do Dundu Luanda, Ministério da Cultura, pp. 37-50

-

2001,"Uneapprochemultidisciplinairepourl'étudedesobjetsculturelsdanslescollectionsduMusée de Dundu. LescasduPenseurcokwe, inLePatrimoineafricain", Paris, Éds., Maisoneuve&larose, p. 107-138., Co-autor.

SAUSSURE,F de., 1999, Curso de Linguística Geral, Lisboa, Ed. Dom Quixote, Lda, Éd. 11º.

REDINHA, J., 1953, " Campanha Etnográfica ao Tchiboco (Alto-Tchicapa). I, II, (1955), Notas de Viagem", Lisboa, Publicações Culturais, 19, Companhia de Diamantes de Angola.

RODRIGUES DE AREIA, M.L., 1973, " Figuras antropomórficas dos cestos de adivinhação dos Quiocos". Separata das Contribuições para estudo da Antropologia Portuguesa

(Coimbra) 9, 1:1-117. Vol. IX- Fascículo Iº. VITART-FARDOULIS, A., 1986, "l'objetinterrogé ou commentfaireparler une collectionethnographique, Gradhiva, Revue d' histoireet d' archives de l' anthropologieduDepartement d' Archives de l' ethnologieduMusée de l' Homme., Paris, Automne 1986.

Fori, escultor executando o "Pensador"

ANGOLA PRESENTE NO X FESTIVAL NACIONAL DA CULTURA DE MOÇAMBIQUE

Com uma delegação chefiada pela secretária de Estado da Cultura, Maria da Piedade de Jesus, Angola marcou presença no X Festival Nacional da Cultura de Moçambique.

O festival decorreu sob o lema, "A Cultura Promovendo a Mulher, Identidade Cultural e Desenvolvimento Sustentável".

Na cerimónia de abertura do evento teve lugar no Estádio do 1° de Maio, na cidade de Liching, em Niassa, e contou com a presença do Presidente da República, Filipe Nyusi.

A secretária de Estado angolana da Cultura destacou que a presença de Angola neste X Festival Nacional da Cultura de Moçambique visa dar cumprimento aos acordos de cooperação entre os dois países no domínio da Cultura, e dar sequência aos laços históricos, bem como reafirmar a vontade de troca de experiências de forma permanente.

Angola felicitou o povo moçambicano, em geral, e as mulheres e os homens das artes e cultura de Moçambique, em particular, por essa grande realização.

O Presidente da República de Moçambique, Filipe Nyusi, durante o seu discurso, manifestou a sua satisfação pela modernização da projecção dos valores culturais apresentados por cada província do país.

Reafirmou o importante papel da mulher no desenvolvimento cultural do país, destacando o facto de o lema centrar-se na mulher e o vincar do compromisso da unidade nacional e o empoderamento da mulher, que representam maior percentagem da população moçambicana.

"A cultura e a mulher são prioridade no programa de governação de Moçambique e factor crucial para a preservação da identidade", reforçou.

Por seu turno, o ministro da Cultura e Turismo de Moçambique, Silva Armando Dunduro, felicitou os artistas por elevarem a cultura e fortalecer a unidade nacional.

O acto de abertura foi marcado pelo desfile das delegações provinciais, orações religiosas feitas por representantes de comunidade cristã e muçulmana e o festival de espectáculo.

DO PORTUGUÊS PROFUNDO AO PORTUGUÊS DE ANGOLA

ARLINDO BARBEITOS
ILUSTRAÇÕES DE VAN

Em princípios de 1956, já no mandato do Governador Coronel de Sá Viana Rebelo, um genuíno colonialista, deslocou-se ao Salvador Correia um indivíduo muito bem vestido que, suponho, ocupava o alto posto de Secretário de Estado da Educação na colónia. Ele proclamou um discurso de que recordarei, a frase que aí vai: "Como Angola é uma Província Ultramarina não se admite que se fale aqui de modo tão diferente do que na metrópole". A garotada angolana, bem escondida, não acreditou em tal afirmação do enfatuado "besugo" e riu, troçando dele. Mal imaginava eu que ele venceria, e pior, com ajuda de angolanos cultos e bem intencionados, no entanto, como os seus mentores directos ou indirectos ibéricos, ignoravam o português profundo. No decurso do período do Governador Agapito de Carvalho (1947-1955), falávamos aqui o português do Brasil e me recordo de um dia presenciar o cortejo daquele Governador passar pelo Largo da Maianga e escutar o locutor em alto-falante que a importante personalidade circulava em "cortejo composto pelo seu almoxerife, o seu açougue e o caminhão da companhia indígena". Tais vocábulos no presente estão desaparecidos.

A propósito dos galicismos desnecessários, Oliveira Martins afirmou, a este propósito, no seu "Portugal Contemporâneo", na introdução ao livro, saído em 1891 na capital do seu país o que se segue: "Ora eu desafio quem quer que seja a provar-me o nosso progresso intelectual e moral. Eu vejo – não vêem todos uma decadência no carácter uma desnacionalização na cultura? Literalmente, a língua perde-se. (Neste passo, ele cita diversos autores como A. Herculano). Depois, prossegue; "E se hoje se levanta esporadicamente alguma excepção, o facto é que se cindiu a tradição intelectual, que se perdeu o hábito de pensar, que apenas se escreve por arte ou indústria, numa linguagem mascavada, o que vem cozinhado e requentado de Paris". Op.cit.p.20

Eis exemplos de galicismos, errados ou inúteis, que irritaram aquele que foi, sem dúvida, um dos maiores eruditos lusos do começo da modernidade do seu país. Aí se seguem alguns e de acordo com o que mencionei acima, viragem, do francês virage, em vez de virada – como escrevia Camilo e se mantém no Brasil e em castelhano, paragem, possivelmente uma confusão dos citados apedeutas portugueses entre parage, que significa o mesmo que "paragens ou plagas longínquas", como podemos ler em Camões e em Fernão Mendes Pinto para terras distantes, e arrêt, para parada em português castiço e castelhano, comboio (falso) de convoy, para trem em bom francês, autocarro de autocar, para veículo de transporte colectivo, que se move de cidade em cidade, porque dentro de Paris ou de Marselha, há o omnibus, (o nosso velho machimbombo), matiné à tarde quando é facto de manhã. Existem muitas mais provas desta inconveniente dependência do francês, amiúde , desastrada ou supérflua.

A propósito, dos dislates, na página 151 do 1º tomo do citado livro desse autor, ele esclarecia que – "os prisioneiros davam os carcereiros propinas para comerem melhor". Propinas quer dizer acertadamente suborno, significado que se conserva no Brasil, mas que lamentavelmente em Portugal ou em Angola tomou um sentido em absoluto errado. Outro vocábulo falso é a camisola, que quer dizer em Provençal (França do Sul Oriental) camisa de dormir de senhora, mas em Portugal e em Angola equivale a algo polissemântico errado que vai da camisa de malha de um desportista a um abrigo para o frio. Isso, para não me referir ao "aceite" particípio passado do verbo aceitar que esse erudito conhecia como documento bancário, que ele jamais haveria permitido, porque no seu estilo magnífico tinha aceito. Esse aceite abriu caminho para o empregue e para o deplorável encarregue.

Porventura umas trampolinices "salazarengas", entre uma legião delas que quedaram por desgraça e uma incúria de quem de direito!. De notar que, quando estudei latim elementar em Frankfurt/Main, constatei no meu dicionário latim/alemão, que Propina correspondia, de facto, a suborno. Enfim, nem faço comentários...

"OS PORTUGUESES NÃO PENSAM"

Oliveira Martins assegurava, como se constatou antes, "Os portugueses não pensam" e eu acrescento que, neste assunto, os angolanos também não.

Igualmente o notável romancista Eça de Queiroz se incomodou com os francesismos inadequados ou desajeitados introduzidos no português. Dominando, como seu amigo ensaísta, o idioma de Voltaire, ele redigiu em meados do século XIX, uma noveleta e um conto, obras de juventude de meados do século XIX e publicadas pelo seu filho, em 1926 em Lisboa e no Porto. Em ambos os escritos, ele censurava a camada politica da sua terra por não investir na educação. Na realidade, no seu tempo, unicamente 20% da população lusa eram alfabetizados. E destes, digamos apenas cerca de 2 a 3%, seriam verdadeiros intelectuais, uma porção minúscula. Isto, ao invés da irmã Espanha, muito mais evoluída, dado que se reflectia no espanhol, bastante menos dependente do francês. (Como prova da ignorância da sua língua de origem, ao contrário do que muitos portugueses, hoje julgam, a choldra de Eça significa balbúrdia, trouxe-mouxe, contudo, eles, ignorantes crêem que consiste em um cárcere). Neste último texto, o escritor usa o termo trem, p. 246, como na América do Sul e em castelhano, nunca comboio!

Por sua vez Aquilino Ribeiro, que teve que se refugiar em Paris, onde fez estudos brilhantes na Sorbonne, porque protestou com a maior veemência contra as reformas idiotas da língua impostas, a partir de 1934, por ministros da Educação de Salazar que nem tiveram em conta as correcções de Oliveira Martins e de Eça, aqui consideradas. Aboliram o gerúndio, permitiram a entrada de um prenome pessoal oblíquo bastardo o si no sentido do outro que só existe em lusitanês e em "angolês", nem sequer há em galego (vostede) ou em castelhano (usted). Contudo, a filosofia e a linguística, asseguram que o princípio da identidade jamais pode coincidir com o principio da alteridade, ao invés do lusitanês e do angolês! Portanto, consigo não pode ser simultaneamente, o próprio e o outro!

Para além destes disparates, os referidos ministros proibiram palavras árabes como alcaide, xerifado, magarefe, e, caso grave, o açougue e sua loja ou venda, que foram vetados para se verem substituídos por talho e por talhista, que quase não dispõem de respaldo etimológico sólido e foram, ademais, buscar à França o "canaliser" e abandonaram o encanar bem luso. Após isso, ainda tomando o francês como referência, renunciaram ao gerúndio, acreditando que o infinitivo, como "estou a fazer", a exemplo de "je suis en train de faire", traduziria bem uma acção contínua. Um destempero! Com excepção do alcaide, guardado em espanhol para indicar o Mayor inglês, mas substituído pelo perfeito, no Brasil, onde todos esses vocábulos portugueses de remota procedência árabe se conservaram, em contraste com o país de origem. E bem outras palavras antigas como governança , ou seja o conjunto dos actos de governação. Termo a que recorreu, em pleno século XVI pelo historiador goês para se reportar à "governança de Afonso de Albuquerque". Por igual suco , tampar e cobrir lusos sumiram em

terras ibéricas e em África e se viram substituídos, não no Brasil , por ´ sumo de "zumo" e, ainda tapar," tapa la olla", que provêem do castelhano. O verbo liberar (vindo directamente do latim) se manteve na América e em paragens i hispânicas, porém foi olvidado na antiga metrópole e as ex-províncias do nosso continente. Além disso a baralha lusa e africana entre a mulher que vende bilhetes para um espectáctulo, a bilheteira confunde-se com o local onde ela age. Como se a padeira e a padaria fossem a mesma coisa. Portanto os brasileiros compram acertadamente os ingressos na bilheteria.

Como resposta àquelas medidas, desacertadas aventadas acima, A. Ribeiro, durante os anos de 50, em jeito de protesto, contra tantos despautérios , escreveu, no seu romance histórico "A Casa Grande de Romarigães", um relato que se passava durante os anos 20 e 30 do século XIX, Círculo de Leitores, Lisboa 2007)- " e o comboio (sequência de viaturas) abalou a galope" (p144) e, algures no texto, esclarecia ele que os fidalgos não só tomavam o seu matabicho como traziam consigo o "seu açougue". Este notável autor, sublinho, nunca abandonou o gerúndio, genuinamente português e empregado ao longo de séculos, pelos autores lusos mais conceituados.

Na verdade, em meu entender, o português europeu, após meados fins do século XIX até o presente, estava quase isento da invasão de galicismos; entretanto, em era recente também , foi atingido pelo deplorável "portenglish", aberto ou encapuzado. Na realidade, uma velha herança cultural vem o sofrendo uma série de transformações infelizes que desfiguraram ainda mais o idioma em uma caricatura de si. Esta postura das autoridades de Lisboa revela cruamente a incompetência e a irresponsabilidade, por gerações seguidas das personalidades oficiais encarregadas da língua. Como resultado dessa negligência e desse desmazelo, nenhum outro idioma neo-latino foi vítima de uma deformação tão profunda como a exposta aqui. (Não nos aleguem que se trata do desenvolvimento natural do idioma, porque para mim, essa dita evolução não passa de um atroz, retrocesso acompanhado de um empobrecimento não menos pungente de um longínquo o acervo o idioma). E os angolanos não notaram nada e repetem os mesmos erros cometidos na ex-potência colonial. Algumas curtas demonstrações dessa reprodução reprovável e desprovida de fantasia : "arrendar", de "to rent", em vez de alugar, que anula a diferença entre o proveito sacado de um aluguer e aquele propriamente dito, "o petróleo crude" em vez de cru, bruto ou a em rama. Continuando, se pegarmos em um bom dicionário de português, antes da fundação do Estado de Israel, e buscarmos o nome "Israelita", verificaremos que este substantivo quer dizer individuo de proveniência judaica, crente ou não, da sua religião tradicional. Por conseguinte, este vocábulo não se deve aplicar a um cidadão do Estado sionista. O Estado de Israel actual é habitado por uma maioria hebraica, porém sobram à volta de 30 % de árabes muçulmanos e cristãos, arameus e demais pequenas minorias, por isso, os brasileiros conhecedores desta realidade, empregam o termo israelense.

Na verdade, israelita e palestiniano, à maneira lusa, denotam uma forte ignorância dessa região do mundo, o Próximo e o Médio Orientes, tão importante, pela História, pela Cultura, pela Genética da formação de Portugal (Os berberes são os indígenas da Ibéria, os sírios, os judeus orientais e os negros, por sua parte, foram decisivos na génese do povo português. Mas, essa zona da Ásia Ocidental, também se mostra relevante para Angola, devido ao petróleo. Infelizmente, a antiga cultura lusa foi destruída por Salazar e pelas grandes mudanças vividas por essa nação depois da entrada na União Europeia. E estes elementos, deveras interessantes, relativos àquele país, eu os aprendi com grandes professores árabes e alemães na Alemanha. Por seu lado, os interessados ignoram ou afastam deles estes factos. Trata-se da vergonha de si de que fala Eduardo Lourenço no "Labirinto da Saudade"; obra muito fácil de obter em Lisboa.) Porém, o fado, de clara origem árabe e negra, trai tal postura acanhada! No entanto, mesmo no âmbito do "Angolês", as falhas marcham em frente; a confusão entre os adjectivos mal e mau, bem e bom e as respectivas graduações. Como muitos lusos, os angolanos desconhecem "o mais mal feito" e "o mais bem feito" e, logo, aparecem o "melhor" e o "pior "que se reportam a bom e a mau. Há dias confrontei-me com um jornalista, que não destrinçava entre a jazigo de cemitério e jazida de minério, isto para esquecer as persistentes salas de aulas, 2% é, ou me calar diante da teimosa aparição do implementar-realizar, concretizar, materializar e a sua constante repetição. Em breve, as galinhas vão implementar ovos!

LUSITANICES

Teimando nas lusitanices, repescadas pelos angolanos, que desvelam a larga distância entre o significante e o significado e a rigidez reprovável do referido idioma, a casa de banho constitui uma demonstração evidente dessa desadequação. Ela surge descaradamente nessas construções redondas que erguidas um pouco por Luanda, onde ninguém toma banho. Aí, urina-se e defeca-se, por conseguinte, achamo-nos perante latrinas públicas, como nas escolas e nos cafés, bares, pastelarias ou restaurantes. Em residências ou em apartamentos, poderemos nos deparar só com quartos de banho, ou até latrina. Correcções necessárias para salvaguardar a pertinência do idioma há muito perdida.

Igualmente telemóvel nos fornece outro exemplo de imprecisão lusa e angolana, com efeito, qualquer boa gramática – não essas que circulam no nosso mercado – nos informa que os componentes de uma palavra composta devem possuir uma raiz da mesma proveniência.

Ora, telos vem do grego e mobilis do latim, hibridismo que se deve evitar. Para além disso, o significante telemóvel não nos aponta para qualquer sentido exacto ou até aproximado que nos dê uma ideia do que indica. De facto, um ignorante do lusitanês, perante a palavra não descortina de imediato de que se trata. Pode ser um avião, uma viatura outra coisa qualquer, porém não um aparelho para comunicar. Ao passo que telefone, pela sua composição revela de pronto, a uma pessoal culta, que é um som que atinge distâncias. O que não ocorre com o telemóvel. Por esse motivo, eu prefiro o telefone portátil e como não recebo ordens de Lisboa em termos de idioma, combato o lusitanês que na sua génese nos é alheio. O português, como o inglês, não dispõe de modelo padrão. E a sua versão ibérica, de tão canhestra, de modo nenhum!

Luanda, Junho de 2018

QUISSÂNGUA COM LETRAS

A MENSAGEM DO CRISTAL DE ROCHA

EUGÉNIA NETO

"A Mensagem do Cristal de Rocha" da escritora Eugénia Neto, uma publicação da Texto Editora, lançada no dia 7 de Junho de 2018, no Memorial Dr. António Agostinho Neto, é um livro que reúne três contos: A Mensagem do Cristal de Rocha, A Floresta da Montanha e A Canção de Amor para a Humanidade do Tocador de Flauta. Destinado fundamentalmente aos jovens e adolescentes, este livro é uma perfuração mental da pedra (realidade) em busca das origens da Humanidade que, ao que se sabe da Ciência, veio de um vácuo insondável.

Na primeira estória, o personagem anónimo consente uma aventura: a de fundir-se com os átomos da rocha, ser cristal para, assim iluminar o caminho a descoberta. E que melhor descoberta, se não a de perguntar à própria rocha a razão e o objectivo da cristalização mineral: "Diz-me, ó cristal, quem te mandou juntar as partículas do teu corpo, teus átomos de pedra, numa sequência de linhas rectas (...)? Porque decidiste que os pontos desse encontro formassem ângulos rectos e faces planas e iguais? Teria sido o Acaso o teu senhor?!"

A conclusão a que chega o navegante do espaço mineral resulta da simples observação daquele "reino ordenado". É então que o viajante se pergunta porque é que "não construímos nós sempre lugares alinhados e claros, sem nada a atravancar e a roubar a luz para morar a nossa espécie? Em vez disso, preferimos recantos com ângulos obstusos, e por isso o homem se afastou da luz e da verdade!..."

É obviamente a manifestação da preocupação com a harmonia social, tema recorrente na Literatura e na Filosofia que a autora transporta para esta estória que avança conduzindo (nesse percurso dentro do cristal) o leitor ao domínio da investigação científica, é pois este conto um convite à pesquisa que nos abre o movimento imperceptível – princípio de toda a matéria da Criação.

Mas é também um aviso à navegação predadora e anti-ecológica do Homem que "não pensa sequer na sua própria espécie e põe em risco a Humanidade e a Vida no Planeta." Este monologo didáctico provoca no leitor uma certa empatia, que nos leva a repensar o nosso papel perante a Natureza circundante.

Já em A Floresta da Montanha, novamente o ambiente natural é o cenário de uma estória que atravessa o Atlântico, com dados geográficos precisos por onde vai a Fada Flora, "deusa de todas as plantas e flores da Terra."

Esta Fada Flora é testemunha dos males com que se debatem os oceanos, devido à superprodução industrial dos nossos dias. "No caminho, ela ouviu os lamentos das algas que, em grupo, se queixavam da poluição dos oceanos: dos barcos que deitavam todo o lixo para as águas.."

Até que a Fada avistou "ao longe, a terra africana. Angola sobressaía pujante, com as suas florestas e rios. Mas o povo clamava por paz."

Bem pensado, bem feito. Assiste-se a um desfile das espécies arbóreas e animais de toda Angola, palmeiras, rosas de porcelana, imbondeiros, matebeiras, mangueiras, laranjeiras, limoeiros, mamoeiros, abacateiros, muxixeiros, chá de caxinde, e a seguir os bichos: elefante, leão, palanca negra zebra, girafa, cavalo-dinossauro, cabra de leque, avestruz, gnu, macaco, rinoceronte, os animais dos rios, dos mares...

Desfila um conjunto quase completo de todas as espécies animais e florais que levam o leitor mais jovem ao conhecimento da realidade natural que é um dos patrimónios biológicos mais importantes de Angola.

Esta Fada não se cansa de agrad ecer e inclui nesse sentimento os deuses, Kalunga, as Kiandas, as aves, e dedica um extenso pensamento ao Povo, os jovens levados para a guerra, os mutilados em combate, os órfãos, os meninos de rua, "filhos de uma Pátria plena de riqueza e cheirando gasolina para anestesiar a fome e os sentidos."

É esta fada visionária que vaticina que "Angola será um grande país em África e no Mundo. Será a grande ponte de ligação entre todos os países em África e da África com o mundo."

Antes de concluir esta estória, a Fada Flora conta uma estória entrando no sonho de várias crianças abandonadas, dormindo num contentor. A estória de um Rei, "aqui no continente africano", que fez muitas poupanças na administração do reino, contendo despesas, para dar mais bem-estar ao povo. Mas "os ambiciosos e os inimigos do rei e do povo teceram calúnias e voltaram o povo contra o rei. (...) E o Povo voltou a ser miserável e ignorante!" É a história do rei Akhenaton, do Antigo Egipto, que se repete nos dias de hoje, por toda a África. No final, a estória deixa um alento de esperança pois, "sempre vale a pena fazer o esforço e caminhar para a luz."

A última estória, A Canção de Amor para a Humanidade do Tocador de Flauta, traz-nos o odor inebriante e a vernissage multicolor da floresta em comunhão como sol. Um pastor de ovelhas sai, acompanhado do fiel cão, o Piloto, a levar os animais para o planalto, onde acampa por um tempo. Assim passando os dias na sua labuta de cuidar das ovelhas, a solidão levou-o a falar consigo mesmo: "porque é que os seres não se compreendiam numa linguagem comum, se tinham uma mãe comum?"

Aqui temos o retorno ao mito bíblico de Babel e da separação linguística dos homens. Mas nesta estória os peixes falam e o pastor escuta o diálogo de um casal de peixes no rio que ali corria. Belíssima ilustração para o tema da emancipação da mulher, esta micro-estória dentro da estória principal! E a fala da abelha que dá ao pastor uma lição de biologia: elas nascem sem sexo. E os humanos que "têm entre as mãos um instrumento valioso", o Amor Natural, estão agora a avançar para a reprodução genética de novos seres. Mas não são apenas os peixes e as abelhas que falam ali, na introdução do tema de "assumir a maternidade". Também os arbustos transmitem ao pastor a verdadeira lição desta vida: buscar os fundamentos do ser e não aceitar "somente o mundo à sua volta". E lhe pediram que criasse uma canção capaz de transmitir o AMOR ao mundo. "O canto ali estava, o canto era aquele que a mãe ensinava (...) E o nosso pastor, subindo a um penedo, dos mais altos picos dos montes da serra, abarcando o mundo, criou a canção ..."

(J. L. MENDONÇA)

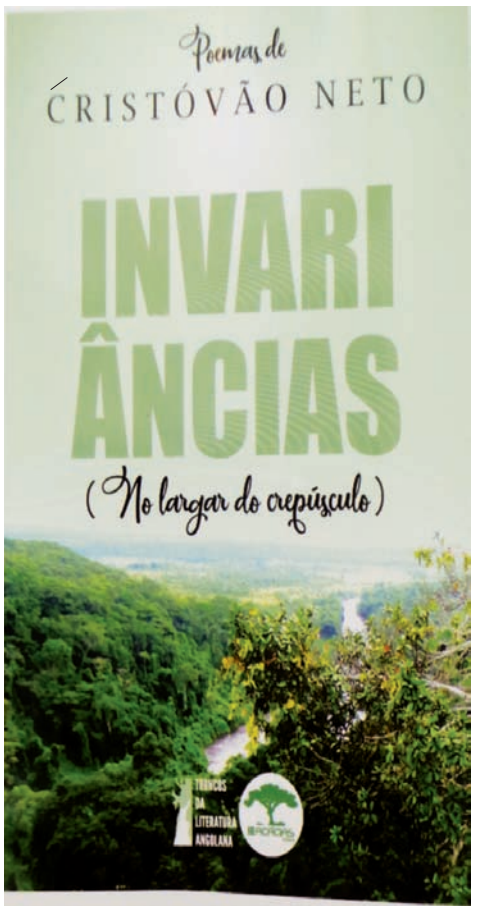
INVARIÂNCIAS

CRISTÓVÃO NETO

Este livro de Cristóvão Neto é constituído por 32 poemas, cujo título INVARIÂNCIAS, é, na análise de Conceição Cristóvão, apresentador da obra, "um conceito que provém tanto da psicologia, quanto da física e da matemática. Segundo Heider, "a atribuição de invariâncias a objectos e eventos torna possível um mundo mais ou menos estável, previsível e controlável. Seguindo o mesmo raciocínio, verificamos que, em todos os poemas de Invariâncias a poesia assenta em metáforas bem construídas e onde, cada uma delas tem a função de charneira, ou, se quisermos, de "palavra-matriz, cercada de palavras secundárias ou dependentes, tudo compondo 'atmosferas' poéticas". Na poesia de Cristóvão Neto, na estruturação textual

por si dada, a metáfora conduz-nos para uma ordem estético-formal, que é uma renúncia à lógica, aqui entendida na acepção aristotélica. Poderemos dizer, neste caso, que Lógica e Poesia apresentam-se como dois caminhos divergentes, duas formas antagônicas de ver o mundo, embora entre elas exista um elemento comum: a linguagem. Um aspecto importante da e na poesia de Cristóvão Neto, mormente neste seu livro: o tempo histórico, o tempo cronológico, esbate-se ou dilui-se, fundindo o antes e o depois, dando lugar àquilo a que podemos bem designar de tempo psicológico, que é o tempo da "emoção-sentimento-conceito". O mesmo acontece com os lugares, que surgem como meros referenciais para a construção de imagens, pois, tal como ocorre com toda poesia, a de Invariâncias não se prende ao lugar; ela é a-geográfica.

Por conseguinte, e olhando mais para dentro dos poemas, descortinamos o ritmo, a musicalidade e o apurado tratamento estético da palavra significante, de tal sorte que nenhum leitor avisado se consegue manter indiferente à forma lapidar dos versos e ao seu conteúdo. Sugerimos ao leitor que, como quem não quer nada com os detalhes, preste atenção ao uso recorrente que o autor faz do vocativo e das interjeições. Esse é, seguramente, um traço importante da poesia de Cristóvão Neto, em Invariâncias."



TUNDA VALA
Movimento Litteragris

Depois de publicada a colectânea, "Agris Magazine", 2015, o "Movimento Litteragris", núcleo de estudos literários fundado no dia 17 de Outubro de 2015, decidiu, em 2016, procurar um nome que melhor representasse o projecto da revista, fugindo os latinismos e outros estrangeirismos. O nome encontrado foi "Tunda Vala", uma das maravilhas naturais de Angola. No entanto, para justificar a dimensão "meta-textual", entenda-se, reflexão sobre o próprio fenómeno literário, dos textos que são, na verdade, a materialização dos pensamentos vanguardistas dos fundadores do Movimento, a direcção da revista decidiu dividir o lexema "Tundavala" para se demarcar das gerações precedentes. Assim "Tunda", do kimbundu, significa mandar sair de determinado local, e "vala", palavra em língua portuguesa, são dois termos que evidenciam uma ruptura iconoclástica entre a actual e anterior geração, palavras que deram origem à expressão "Tunda Vala", nome definitivo da revista, cuja segunda edição foi lançada recentemente em Luanda, com apoio da UEA.

Como se lê no prefácio, "Tunda Vala sai pela segunda vez à rua com mais clarezas e certezas. A poesia ressurge com um rosto algo diferente e a agrisprosa surge pela primeira vez. (...) A nossa prosa é bela. Fantástica. Surge da azia pelo vulgar. Tal como a poesia é regida pelo princípio ideoestético 'cabeça na lua, pés na terra'"

OS LIVROS DOS ANCESTRAIS

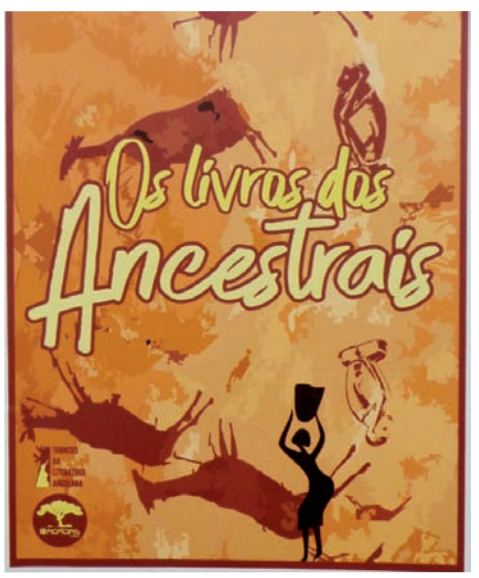
ANTÓNIO GONÇALVES

Inserido no projecto Troncos da Literatura, da editora Acácias, o escritor António Gonçalves lançou "Os livros dos ancestrais" no dia 9 de Maio, Centro Cultural Português/ Camões.

António Gonçalves apresenta um trabalho poético dividido em duas partes e reúne poesia escrita entre 2015 e 2016, sobre temas que evocam raízes, quotidiano, sentimentos, lugares e pessoas.

Figuras que lhe serviram de inspiração para alguns poemas, aos quais dedica a obra, como António Pompilio, Man Jacy, Lisboa Santos, Chiquinho, Mário Santos e Egas Moniz da Rocha. Evoca também a pátria, no poema, com "Três acordes", a que deu o título de "Evocação transcendental que ilumina o quadro". Remonta ao passado e questiona a pátria que viu desfilar os dramas da sua história. Quando os seus filhos "Foram enjaulados em navios negreiros/E transportados como amontoados sacos/Para outros mundos, chamados "novos"". Quando "os irmãos desavindos te incendiaram/ Foram conversas e acordos. Acordos e conversas/Que terminaram em morte e capitulação!?/

Melhor seria que não te ofendessem tanto/Ó Pátria, imortalizada com sangue/Qual redentor glorificado". Na II Parte, a que deu o título de "Utíma (coração em umbundo) ou o "Décimo primeiro livro dos ancestrais", começa com três "Dedicatórias de cortesia". A primeira, "Às mulheres do meu país". A segunda, "Aos seres encarnados com a graça feminina". A terceira, "Para aquelas que ousam tornar a vida do homem menos penosa". Vinte e um poemas de exaltação da mulher, em toda a sua plenitude, na dimensão física e espiritual. Revisitada nas particularidades que apresenta, em cada lugar de Angola. Termina com o 21º poema, que coloca a mulher (Utíma) numa dimensão transcendental, conferindo-lhe poderes divinos, capazes de fazer ressuscitar mortos.

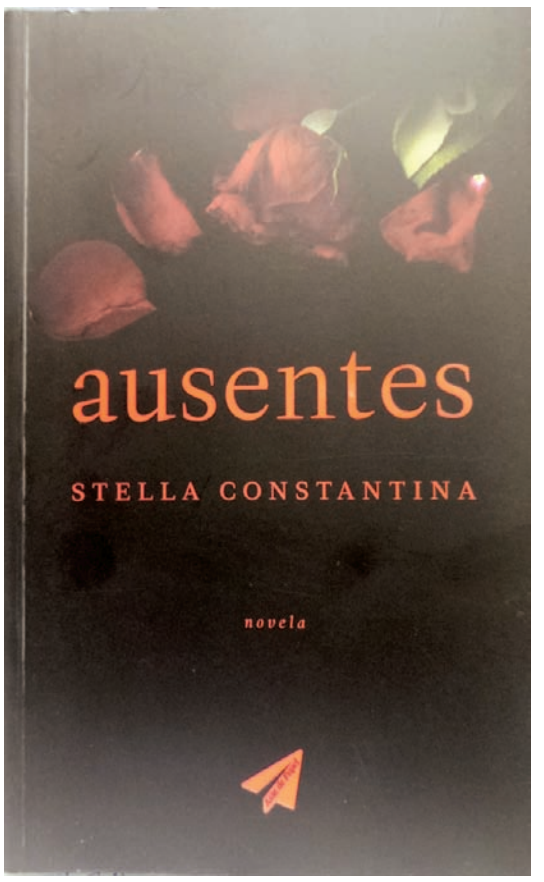


AUSENTES

STELLA COSNTANTINA

Esta novela, em forma de cartas inaugura também a aparição da editora Asas de Papel, cujo lema é "Da crítica à excelência literária", dirigida por Lourenço Mussango, um jovem entusiasta que pretende colocar no mercado o seu projecto de edições de qualidade, tanto na forma como no conteúdo.

De Cíntia Gonçalves, membro do Litteragris, lemos, no prefácio:"Actualmente, ainda não é possível falar-se de uma representação hegemónica da mulher na literatura angolana. Desde os primórdios da Literatura até hoje, essa figuração continua a ser masculina. Assim, o livro de Stella Constantina, intitulado Ausentes, é mais um fertilizante na promoção e valorização da escrita de autoria feminina. Como o título denuncia, Ausentes fala-nos de perdas, partidas, da maneira como lidamos com o desaparecimento físico daqueles que amamos. É uma narrativa não muito longa e de leitura imparável. Ejm treze cartas enviadas à Morte, a autora convida-nos a reflectir sobre o relacionamento do homem com a mesma enquanto parte da vida."



jovens_do_prenda_merengue

Tony Caetano

TONY CAETANO "UAFUÁ"

GASPAR MICOLO

Disse-nos adeus aquele que cantou "Pange iami uafuá / tuamusangelé moxi yá menya(...)" (O meu irmão morreu/ encontramo-lo no fundo da água). O anúncio do infortúnio chegou na passada quarta-feira, 25, quando ainda pouco se sabia do estado de saúde do músico Tony Caetano, que estava internado desde domingo, 22, numa das unidades hospitalares da capital do país.

Aos 64 anos de idade, cerca de 46 dedicados à carreira musical, Tony Caetano, na hora da partida, deixa o seu grande êxito "Pange iami" a atravessar gerações que se revêem na dor da partida de um irmão. Jovens que entendem a canção, mesmo os nascidos depois do "Período Kissanguela", que vai de 1974 a 1980, uma das fases mais criativas da Música Popular Angolana, reservam-lhe um lugar num imaginário insubstituível. "Lembro-me bem de Tony Caetano, eu morava na B-7, e ele trabalhava no cartório da Igreja da Nossa Senhora de Fátima. Nunca me esqueci da música Pange Iami", lembra Marilina Alves. "Lembro-me de ouvir essa música na floresta do Centro Social do São Paulo. Memorável", diz Francisco Damião.

Resultado de uma verdadeira manifestação da cultura popular, a eclosão natural dos conjuntos musicais e o surgimento das grandes vozes a solo foram constituindo a base da formação da Música Popular Angolana, ao longo da sua existência, desde os primórdios, em 1940, até aos nossos dias. E Tony Caetano não foi excepção. O músico iniciou-se nos anos 60 como percussionista de um grupo luandense, tendo optado posteriormente por uma carreira a solo, estreando no programa Kutonoca, orientado pelo falecido empresário Luís Montez. Aliás, Luís Montez, que trabalhava na rádio e organizava os maiores espectáculos dos grupos no musseque, teve um papel importante no incentivo aos músicos e à música do país.

"Tony Caetano pertence ao grupo de dinossauros da nossa música dos anos 60, e que atingiu os píncaros aí nos anos 70", considera o músico Dom Caetano, presente na residência do malogrado, onde se vive momentos de consternação. Dom Caetano lembra que a semelhança do nome é pura coincidência e nada tem de parentesco. Mas, ao longo da carreira em que partilhou o palco com Tony Caetano, sempre houve uma amizade para lá do nome que carregam. Por isso, não pensa muito para dizer que o colega deu "uma grande contribuição para a Música Popular Angolana", garante Dom Caetano, que em 1972, com apenas 16 anos, iniciava os primeiros passos no canto, e viria a fazer parte dos Jovens do Prenda, agrupamento que acompanhou vários espectáculos de Tony Caetano. "A União Nacional dos Artistas e Compositores (UNAC) lamenta a perda do seu membro e endereça a família enlutada e a toda classe artística os seus sentimentos de pesar", lamenta o músico Santos Júnior em nome da organização. "Foi um artista muito sério desde os primórdios do tempo colonial", conta Domingos Pereira dos Santos Júnior, ou simplesmente Santos Júnior, nascido em 1947, cantor, compositor e figura histórica do conjunto Kissanguela.

Tony Caetano, o músico que o Rangel viu nascer, cresce num ambiente musical que o leva a juntar-se ou a cruzar-se com os maiores nomes da música angolana. Um deles foi Didi da Mãe Preta, um dos integrantes do grupo Jovens do Prenda, agrupamento que surgiu em 1968. Foi este exímio executante de dikanza que incentivou Tony Caetano a gravar Pange iami. O músico viria a agradecer décadas depois num espectáculo em Luanda. "Os meus agradecimentos vão para o Didi, o impulsionador para a gravação desta música", disse Tony Caetano, enquanto cantava o seu maior sucesso numas das suas últimas aparições em espectáculos. Com efeito, Santos Júnior revela que já não via o artista nos últimos meses, apesar de ter tido alguns encontros no Centro Recreativo do Kilamba (CRK). "Era o seu lugar de eleição", conta o músico.

Apesar do sentimento de pesar, Santos Júnior recorda com alegre nostalgia os momentos em que partilhou o palco com Tony Caetano. "Estivemos várias vezes em palco juntos, desde o tempo colonial. E vi-o sempre a cantar com a maior paixão", lembra. "Era um músico sério em palco. Interpretava a música ao pé da letra".

A seriedade com que Tony Caetano levava o seu desempenho artístico em palco não se esgotava aí. Santos Júnior explica que, enquanto membro de pleno direito da UNAC, pagava as suas cotas e, de modo geral, cumpria com as suas obrigações.

Entretanto, uma das obrigações que o músico tinha com os seus admiradores era exactamente o seu álbum, que era aguardado desde os anos 2008, já que ostentava apenas um disco em vinil, gravado em 1972. "O êxito que alcancei é fruto do reconhecimento do público. Nada é mais justo do que fazer um CD a pensar nele", disse em Outubro de 2013.

O álbum, que começou a ser produzido em 2008, contava com dez temas de semba, rumba e kilapanga, e o músico revelou na altura sentir-se já "envergonhado e comprometido" em relação aos que o apoiaram financeiramente, pois o produtor continuava sem lhe dar "uma resposta satisfatória".

"Nos últimos tempos estava a trabalhar numa obra que, de facto, está a ser terminada. Pude ter contacto com o produtor e confirmou-o", garante Dom Caetano, ainda consternado com a notícia da morte do colega. O álbum chamar-se-ia "Uaxi Uami", com fusões de vários estilos em quimbundo e português. Mas o destino se apressou e fez partir o "pange iami".

RUI DE MATOS
DÁ NOME A FUNDAÇÃO ARTÍSTICA

Rui de Matos esculpindo o busto de Hoji ya Henda

Nasce para homenagear um homem simples no seu ser, amante do seu povo, um guerrilheiro, poeta um artista feito de compaixão que dedicou a sua vida as mais nobres causa da Nação Angolana.

Egas "Carnaval", acrílico s tela, 93x54 (cm), 2017

Foi inaugurada no dia 26 de Maio de 2018, a AR-MA, Galeria Artes Matos, com uma exposição de grande envergadura temática e plástica que decorreu até 1 de Julho. A nova galeria sita na travessa da rua Agostinho das Neves, nº 13, no bairro Alvalade, em Luanda, recebeu a exposição intitulada ''RITUAL UNION'', uma mostra significativa de artistas plásticos angolanos residentes há seis meses no Batalhão anexo à galeria.

A galeria AR-MA foi, na verdade, fundada pelo pluridisciplinar artista RUI DE MATOS, na década de 80. Rui de Matos foi escritor, poeta e fotógrafo ensaísta. O seu grandioso sonho e crença se concretiza no pensar - ser, ''...valorizar o mosaico patrimonial cultural, bem como desfrutar deste espaço territorial, ainda virgem, à descoberta novos talentos e códigos estéticos...'' A galeria AR-MA, carrega a sua história pessoal e fascinante que transcende o valor de um Homem visionário e de elevado sentido humanista, de virtudes experienciais inusitadas, que oferece oportunidades aos artistas sem fronteira. Serve de prestação expositiva aos artistas nacionais, internacionais e multidisciplinares. A cargo dos seus discípulos, a prestigiosa vitrina homenageia o artista ex libri e o seu legado: engrandecer as Artes Plásticas Nacionais".

Rui de Matos, cuja proeza artística se desenvolveu na idade ainda latente e depois de já adulto no cruzamento com os seus ideais políticos na plena juventude de assumir o espaço de Liberdade da Pátria. A AR-MA, destaca-se em produção de eventos culturais, recreação cultural, produção e realização de campanhas político-sócio-culturai, quer com a produção de esculturas do próprio artista, quer em exposições de artistas e assistência técnica áudio-visual, decorativa e cenográfica.

Biografia de Rui de Matos

Rui Guilherme Cardoso de Matos nasceu em Luanda a 26 de Maio de 1943. Escultor, Pintor e poeta. Instrução primária no Ambriz e Luanda. Curso de Pintura Decorativa, Escola Industrial de Luanda. Em 1956 vai com seu pai para Portugal com a finalidade de dar continuidade aos estudos em Lisboa e posteriormente Santarém e Évora na escola de Regente Agrícola.

Em 1963 foge para França e frequenta o curso de Belas Arte em Perpignan no mesmo ano vai para Paris e alista-se ao Movimento de Libertação de Angola, entra pelo Maquis, faz parte da coluna Ferraz Bomboco em Brazzaville como comandante do grupo especial de artilharia, recebeu treino de guerrilha em Cuba no grupo chefiado por Sebastião Garrido "Che-Guevara". Em 1975 é nomeado comandante da guarda pessoal de António Agostinho Neto. Estudou reconhecimento e operações na URSS. Comandou parte das tropas que travaram o célebre combate de Kifangondo, chefe de operações da 9ª Brigada de Infantaria Motorizada e da missão de Angola em São Tomé e Príncipe. A 1 de Janeiro de 2005, a voz do escultor, pintor, general Rui de Matos, deixa em Angola uma grande representatividade de suas obras. Rui de Matos, é uma doce lembrança do homem feito de sonhos puros, da mais delicada sensibilidade, firmeza e bravura na conquista dos seus ideais. Deixa a sua memória para quem o conheceu.

Perfil Artístico

Tradução, reportagem escrita e fotográfica, Roma (Itália), assessor político, filme "Vitória é Certa".

Autor, do memorial da Campanha de Alfabetização.

Idealizou e construiu o Clube Náutico Militar.

Executou as estátuas de Agostinho Neto (Huambo), Kitandeira (Luanda); vacinação contra Poliomielite; do Memorial aos Heróis da Batalha de Kifangondo. Autor da estatueta, hoje símbolo da Amizade.

Pemba "O rendimento", mista s tela, 150x143 (cm), 2018

Pemba "Beleza africana", mista sob tela, 144x132(cm), 2018

Ilustrador do suplemento infantil "Bambi" do jornal Província de Angola.

Participou na criação e autoria das insígnias, estandartes e divisas militares Fapla.

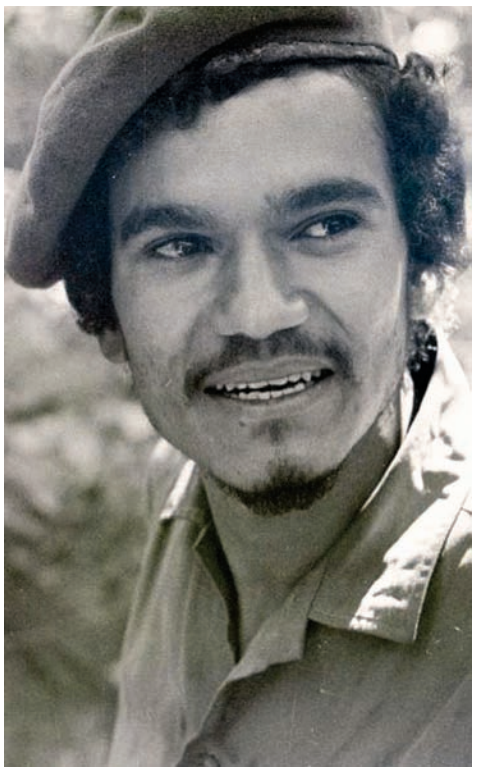
Autor e executor dos bustos Agostinho Neto Hoji ya Henda, Marien Nguabi, Rainha Ginga, Amílcar Cabral, Loy, Abílio Duarte, baixos relevos do Mausoléu Agostinho Neto, banhou a cidade de Luanda com suas estátuas em bronze.

Criador de "Artes Mar" onde trabalhava com jovens artistas e miúdos de rua.

Batalhão RM

É um projecto da Fundação que nasceu do conceito de unificação das varias vertentes da arte e dos artistas nacionais. Organiza e apoia o desenvolvimento de projectos artísticos pessoais e colectivos. É um lugar para experimentação, pesquisa e reflexão das práticas artísticas que tem como objectivo ser o grande catalisador de conexão entre artistas nacionais e estrangeiros. Proporciona dignidade aos nossos fazedores de arte, garantindo conforto, estabilidade social e paz, permitindo que os mesmos possam dedicar-se ao que melhor sabem fazer: "desenvolver a nossa cultura a nossa arte"

O batalhão também acolhe jovens com potencial, orientando-os, proporcionando educação e muita esperança de vida. Temos artistas e jovens internos e externos. Apoiamos as crianças da comunidade permitindo-lhes desde muito cedo o acesso ao mundo das mais belas cores...



Rui de Matos

"TEMPLO DE AQUÁRIO" TEATRO CONTEMPORÂNEO QUESTIONA HISTÓRIA DE ÁFRICA

No 25 de Julho, o Instituto Camões de Luanda albergou a estreia em Angola da peça de teatro "Templo De Aquário", uma colaboração entre as companhias Marabout Théâtre (RDC), Théâtre de la Communauté (Bélgica) e Grupo Takinga (Angola).

A vinda da companhia de teatro da RDC resultou de uma sugestão insistente de Agnela Barros, mulher dedicada ao Teatro e à critica das artes, sugestão essa bem acolhida pela Alliance Française Luanda, que em colaboração com o Centro Camões, o Teatro Elinga e o ANIM'ART - Centro de Animação Artística do Cazenga levaram o espectáculo teatral e musical ao palco.

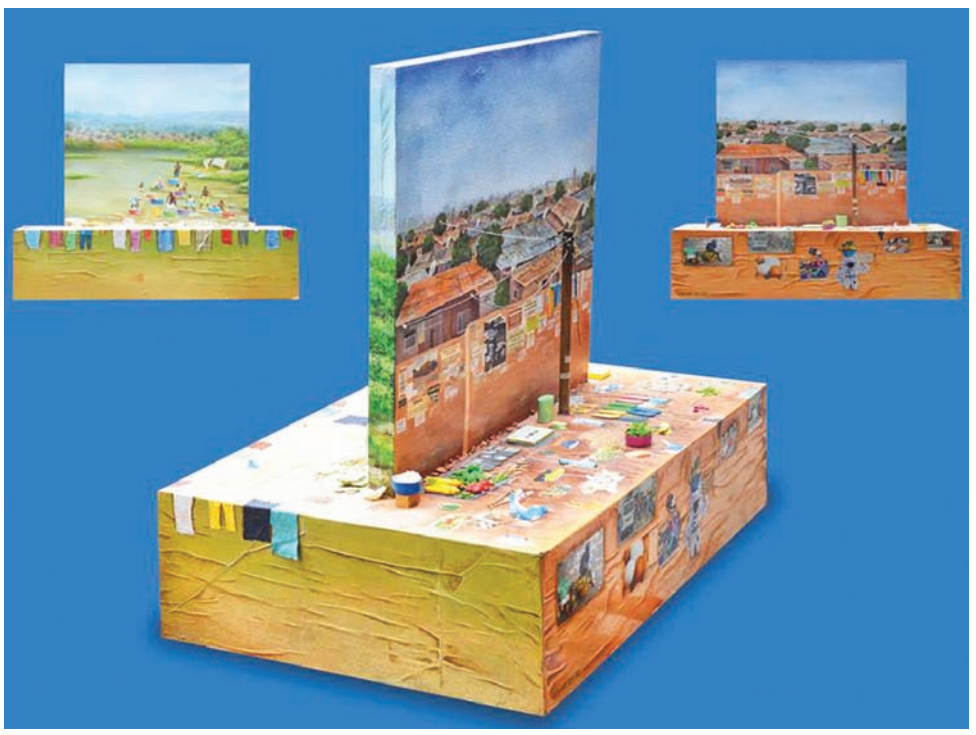
O público presente no Camões pôde deliciar-se com uma peça inédita em Angola, apresentada em português, francês e kikongo, a provar a excelência do grupo Marabout da RDC, que apenas chegara a Luanda às 2 horas da manhã do mesmo dia da apersentação.

Segundo a nota da Alliance Française, "a mistura de línguas favorece a integração entre os diversos públicos e as diversas comunidades. Além das apresentações, os actores irão ministrar oficinas no curso de artes cénicas do CEARTE.

A peça aborda a herança comum do Reino Kongo, a problemática das fronteiras criadas pelo colonialismo, dos movimentos migratórios causados pela miséria e os conflitos armados. As temáticas são abordadas através da história de Parzuria, filha de M'bor a Tseu e Alfonsina, que se conhecem fora das suas respectivas fronteiras, casam-se sem desvendar as suas verdadeiras origens mas têm que ser repatriados em função da guerra.

Sob a direcção do Prof. Nzey Van Musala e duração de 1 hora e 15 minutos, a peça Templo de Aquário surge ao encontro da problemática actual das migrações no continente africano, principalmente as migrações devidas aos conflitos armados duradoiros, mas também sugere uma reflexão sobre o artificialismo das fronteiras legadas pela Conferência de Berlim de 1885, que dividiram o povo e famílias Bakongo, Baluba e Tshokwe em dois países soberanos.

JÚRI DO PRÉMIO ENSARTE 2018 EXCESSO DE ZELO MODERNISTA



Grande prémio de Escultura - 1º Classificado Ângelo de Carvalho Júlio - O espaço de um espaço - espaço

Manuel Gonçalves, PCA da ENSA entrega o prémio a Mangovo

JOSÉ LUÍS MENDONÇA

Da expressão objectiva da peça de arte ao impressionismo subjectivo do observador medeia o conhecimento empírico, o saber académico ou o juízo de valor meramente engajado do senso comum do ser racional, ou, no caso de um concurso, o conflito de posições preconcebidas sobre a Arte neste nosso tempo em que há quem considere que "tudo é arte", quem seja capaz de atribuir às peças em análise o mais polémico e paradoxal leque de escalões classificativos.

O júri do prémio ENSRTE 2018, dirigido por António Ole, um monstro da nossa Pintura, Escultura e também Cineasta, coadjuvado por Mendes Ribeiro, Paul Barascutt, Sandra Jurgens, Hugo Carvalho e Isabel André Manuel pecou por excesso de zelo modernista e, até, um certo paternalismo.

Poderíamos dizer que num prémio desta envergadura, que conta já com 14 edições, falta incluir no júri um jornalista cultural, alguém que, habituado a lidar com exposições com olhar critico, empreste uma toada crítica tocada pela sensação pura da estética, sem cair nos teoremas de uma pretensa arte modernista que pode nem ser arte nenhuma.

"O Desejo do Menino", de Crsitiano Mangovo Brás, um pintor que já nos habituou ao seu poder da ars combinatória, com telas surrealistas, não merecia o Grande Prémio. Não se pode confundir panfletarismo com pintura artística. Está bem que os meninos de Angola desejam Igualdade, Tolerância e Respeito, mas isso é lá no Parlamento que tem de ser buscado e não assim posto directamente numa pintura que, de trabalho artístico, nada aporta às Artes Plásticas angolanas e do Mundo. É uma obra muito simplista, com pouco trabalho oficinal, esmagado por uma textura dantesca que ninguém gostaria de ter exposta na sua sala. Equiparado à Guernica de Picasso, que tão bem soube retratar na tela os horrores da guerra, vai uma monumental distância.

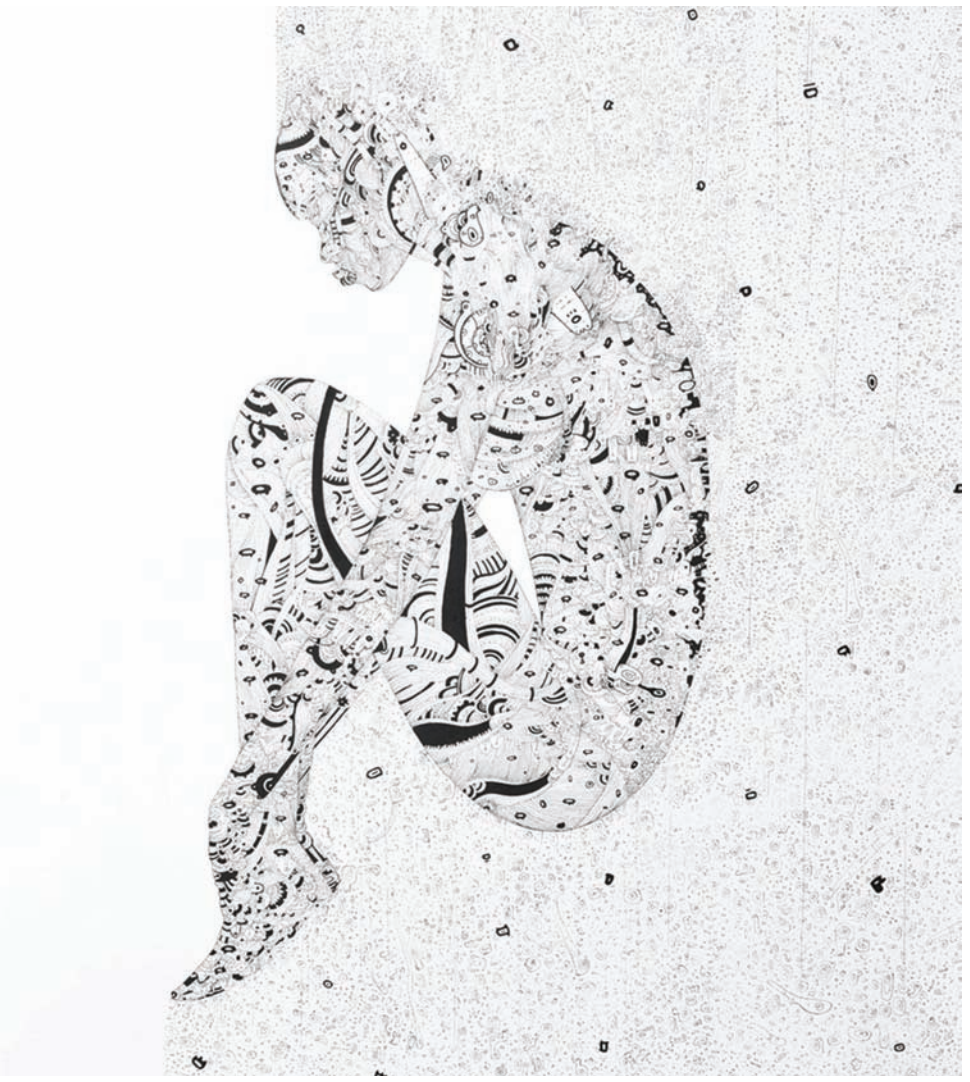
O segundo Grande Prémio, de Mário Fernandes Nunes, "Ser Mãe" não representa cabalmente a noção de mãe, que não resume à maternidade, nem ao acto de parir e criar filhos. Está demasiado reducionista, este quadro, para além de fugir à nossa identidade que, não se resumindo à cor da pele negra, poderia conter outros elementos identitários da cultura do nosso pais relacionadas com o difícil destino de ser mãe. Um júri de um prémio como o ENSARTE – o maior a nível nacional – não pode incorrer nos pruridos da falaciosa globalização, pois não há universalidade sem diversidade.

O Grande Prémio de Escultura, de Ângelo de Carvalho Júlio, "O Espaço de um Espaço-Espaço" incorre no mesmo estatuto panfletário do primeiro prémio de pintura, ao importar para a Arte uma problemática do urbanismo local, sem cuidar do trabalho oficinal. É demasiado simplista, é mais pintura que escultura e, se fosse para aproveitar alguma criatividade por mor da montagem escultórica, então haveria que valorizar o "Contraste da Vida Urbana e de Musseque", de Kabongo.

9 Menção Honrosa Ângelo de Carvalho Júlio - A luz da minha sombra

6 "Contraste da Vida Urbana e de Musseque", de Kabongo

Grande Prémio de Pintura - 1º Classificado Cristiano Mangovo Brás - Os desejos da menina



5 Prémio Juventude de Pintura Simão André Sebastião - floco de neve

Mas, tal como no futebol, o júri é que sabe e quando nem tem um vídeo-árbitro (alguém que vê "a coisa" de um outro prisma estético-utilitário), brinda-nos com um segundo classificado no domínio da Escultura que é só argolas, meu Deus!, quando tinha mais quatro obras por onde escolher, uma das quais "Polifonia do Pretérito Presente", de Sozinho Lopes tem a vantagem da configuração polifónica do silêncio que nos habita.

Segundo Aristóteles, as artes podem imitar a natureza, mas também podem abordar o impossível, o irracional e o inverosímil. O que vai garantir beleza a uma obra, para Aristóteles, é a proporção, a simetria, a ordem, a justa medida.

Nas Menções Honrosas, o júri foi muito acertado ao premiar Simão André Sebastião, pelo "Floco de Pele". De igual modo o Prémio Alliance Française a José dos santos, "Peixe do Caldo" e a Menção Honrosa de Pintura para "A Luz da Minha Sombra", de Ângelo de Carvalho. Porque o Prémio Especial de Gravura atribuído a Manuel José Ventura "Weza Ubontologia", primeiro não reflecte o tema escolhido e, segundo, está feio pra caramba!

Quanto ao resto e porque esta não é uma resenha exaustiva, ficamo-nos por aqui, sem deixar de mencionar que há lá na exposição ali no Museu da Moeda uma boa parte de obras que nem deveriam estar expostas por envergonharem o nosso panorama artístico, enquanto outras bem recortadas, fugiram à apreciação criteriosa do júri que, talvez pelo facto de incluir estrangeiros na tentativa de atribuir uma certa isenção valorativa, incorreu na medida contrária. Vai daí que é preciso repensar o júri das próximas edições e incluir nela um jornalista da nossa praça.

Prémio Alliance Française José M. de Castro Girão M. dos Santos Peixe do Cabo

2 Grande Prémio de Pintura - 2º Classificado Mário José Augusto F. Nunes - Ser mãe

Grande Prémio de Escultura - 2º classificado Luís A. dos Santos da Silva , Estudo do equilíbrio

Prémio Especial de Gravura Manuel José Ventura - Weza Ubuntologia

PARA UMA FILOSOFIA ATLÂNTICA

LEONEL COSME

Atravessamos um período em que a famigerada globalização já não propicia um ecléctico homem unidimensional, como o perspectivavam, em confronto com o capitalismo e o poder desenfreados, idealistas como Marcuse, mas um títere formatado por uma sociedade consumista segundo os moldes prescritos por tiranos como Donald Trump, para quem Deus é o dinheiro e a religião, o negócio.

No momento, assiste-se a uma tentativa de resistência por parte da Europa ainda não totalmente dividida por algumas nações que, sem abdicar do poder do dinheiro e das suas variáveis do mercado e do consumo, almejam defender-se com muros ou barreiras invocando direitos de autodeterminação que alegadamente lhes são conferidos por exigência da sua identidade etnocultural – na qual incluem "direitos" à xenofobia e ao racismo, claramente expressos nas recusas ou obstruções aos migrantes que delas esperam apoio e compaixão.

Infelizmente, o etnicismo levado muitas vezes ao extremo também serviu e continua a servir a outras nações que, tendo sido dominadas pela Europa ainda dita ecléctica, situadas noutros continentes, designadamente em África e na América, tiveram de lutar com armas na mão contra a xenofobia e o racismo para alcançarem o direito à soberania e poderem declarar, como o grande poeta e lutador Agostinho Neto, NÓS SOMOS!

Mas se a dominação, então colonial, que também desenhou os contornos das nações da América, está hoje, no geral, resolvida, em África ainda se discutem fronteiras territoriais e as etnicidades continuam a marcar divisões intestinas, por ainda não estar adquirida a consciência de que só com um elevado sentimento unidimensionalmente humanista, - como o exprimiram Neto, em Angola, Senghor, no Senegal, ou Mandela, na África do Sul - se compreenderá que "não basta uma terra, um sangue, um dialecto, hábitos, costumes, um folclore, uma arte, numa palavra, uma cultura enraizadanum território e expressa por uma raça para formatarem uma Nação, que não é, como a Pátria, resultado de determinações naturais, portanto expressões de um meio, mas representa uma vontade de construção ou, melhor, de reconstrução. Ela é, objectivamente, uma reestruturação feita à imagem de um modelo exemplar, de um arquétipo."

Enquanto não é atingido o modelo exemplar, as nações em fase de experimentação ou escolha procuram as sinergias mais consequentes com a sua história, como se prefiguram os países ex-colonizadores, esperando destes a consciência arrependida e a oportunidade de compensação, a par da real estima e troca de valores culturais que o passado gerou em ambas as partes. É este o desenho que pessoalmente fazemos da CPLP, em que porventura tanto ou mais do que a língua portuguesa foi o encontro ou a descoberta que os parceiros da Comunidade fizeram uns dos outros. O mesmo aconteceu com os parceiros de outras Comunidades, é certo. Mas, no respeitante à costa ocidental africana, e, no caso que nos move particularmente pensando em Angola, ao encontro seguiu-se um reencontro ao longo de um tempo quase inenarrável por mais violências do que catarses, que talvez uma nova filosofia, a par da história, avaliarápor uma "razão atlântica", na expressão de um reputado académico, investigador e filósofo português, António Braz Teixeira, quando reflectimos que o Atlântico, com suas margens, condensou tradições, línguas e costumes numa filosofia única:libertação.

É um facto que, para muitos países da costa ocidental africana, designadamente para Angola, o Atlântico foi um manancial de emoções e sentimentos que separou e reuniu vidas e esperanças, constituindo palcos e cenários de resistência e lutas (lembremos os quilombos e as revoltas de Palmares e dos Malês) que se diriam obra de um todo poderoso Kalunga, ora deus, ora mistério… Se para o poeta Fernando Pessoa o mar Atlântico foi, gloriosamente, um Mar Português, para o poeta Agostinho Neto ele foi um mar de memórias sofridas, de separação e desencontro, que a escravatura balizou com dor e saudade. Mas sempre com uma Sagrada Esperançano horizonte, já que lhe pré-existia uma Renúncia Impossível.

A recente cimeira, em Cabo Verde, de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, sob o lema "Cultura, pessoas e oceanos", deve ser considerada paradigmática. Num mundo em guerras de ódios, invejas e interesses, a CPLP será um exemplo do sucesso da vontade comum de povos geograficamente afastados, mas que um passado também comum uniu numa espécie de jangada (não de pedra como a de José Saramago) que não parou no Atlântico, antes continua a mover-se ao ritmo da vontade dos seus timoneiros face aos ventos e marés que vão ocorrendo. Com um dado adquirido: como já diziam conhecidos pensadores, navegar é preciso; o caminho faz-se caminhando.

POEMA DE CARLOS MESQUITA
A INCLEMÊNCIA DAS POMBAS/PAPOILAS E DAS ANDORINHAS NA PRIMAVERA DO DESORELHADO CÃO

CARLOS MESQUITA

Espatuladas flores a preto branco vindas de uma natureza viva e morta, são lindas de cores e esbeltas em jardins da natureza Humana.

Disseram-me na vossa surdez que o cão pontapeado já não grita, atordoado a sevícias, os putrefactos jazem em terra e dizem que as pombas giras das cidades africanas não entoam sátiras a fazerem cru cru cru com lirismo e mágoas, e no pró pru pru esvaziam as cercas humanas.As pombas de nossos quintais querem esvoaçar porque não vêm papoilas, pétalas, jasmim, avencas e o arroz, fingindo que não voam mais às grandes alturas, a que encontrei coroei-a porque ela já não voa mais, pousa, reflecte e escuta de muito baixo as migalhas, féretros da côdea de pão das sebentas amorosas da terra.

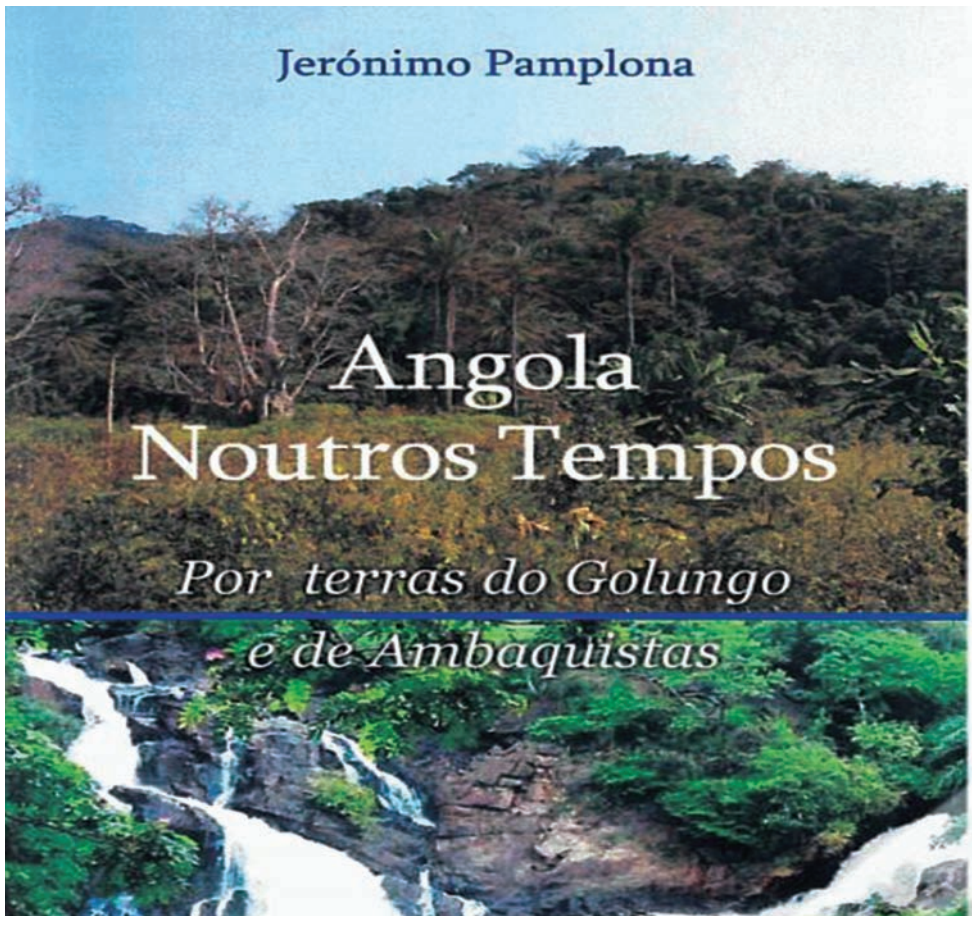
O cão que latia garboso deixou-nos, enquanto que mais alguns felinos que bugiam nas entranhas de cada quintal das mega-metrópoles executivas transportam o obstáculo das pombas pousarem tranquilamente em largos, avenidas e jardins da cidades, dilaceradas nas profundidades das virtuosas florestas embeiçadas na castidade do abate cruel indiscriminado de árvores, ramos, folhas e das filhas humanas que nos criam pavores e arrepios aos pombos entrelaçados nas franquias por selos dos usos tradicionais da paz. as andorinhas já não cantam a no anunciar de cada primavera, ate as cores nocturnas das aves das chuvas, as nebelinhas, confluenciaram-se nas lindas pombas, dos escassos pombais nos novos padrões arquitectónicos cosmopolitas políticas das urbes africanas as pombas, ao fazerem o pru pru, já não querem mais ser solvidas de enganos e falsidades, mesmo no amor cantarolam esvaindo os céus azuis, no raiar de cada nascer da natureza, lindas e esbeltas de papoilas, com o amanhecer de cada andorinha.Pombas inofensivas que acariciam a manhã dos largos, hotéis, restaurantes, emprestando brilho aos olhos da ingratidão aparentemente humana na natureza morta, uma andorinha morta não acabará a primavera do amanhã, nem conterá as manhãs das ovelhas cobertas de peles soldadas e as sequelas dos lobos das linhas delimitadas das maresias nortenhas e do prisma do Sul no fundamento e na rigidez de cada existência.

Crónica

CASADAS E SOLTEIRAS, FUTEBOL NO FEMININO

Equipa das casadas
Anastácia, Delmira, Dulce Quintães, Dulce Rocha, Glória Trovão, Graça Pereira, Gravelina, Ivone Santos, Margarida, Teresa, Teresa Sampaio, Vicência

Equipa das solteiras
Alice, Amélia, Alzira, Celeste, Deolinda, Fátima, Inácia, Maria Miranda, Paula de Macedo, Sílvia, Zélia Danin



GOLUNGO ALTO, 14 DE ABRIL DE 1974

MAFRANO

O Golungo é terra de inegáveis pergaminhos. Velho de mais de trezentos anos viceja altaneiro mobilizando todos os talentos na conquista do seu lugar ao sol. Professa a máxima Age quod ages (em português: faz bem o que estás a fazer). Trocando em miúdos: na hora do trabalho, produz o melhor que puderes; à mesa, come-lhe e bebe-lhe bem; na igreja reza com força; nas tuas horas livres, goza a vida que é breve; nos folguedos... farra é farra!

Assim, como tristezas não pagam dívidas, houve quem enxertasse no ânimo desta gente um desporto praticado por senhoras e raparigas. E por que não? Boa seiva (quer dizer, ideia feliz) em tronco bom (sem gente de bom senso) e a enxertia pegou.

E a vila toda do Golungo Alto despejou-se para o campo, para o Estádio Municipal a transbordar de alegria e entusiasmo, com gente dos arredores, e gozamos uma das mais belas tardes desta ridente vila de Santo Hilarião.

Equipas em campo: senhoras casadas contra – não digo bem – com um ranchinho de solteirinhas. Ensaiaram: o grupo de senhoras, o dinâmico Juka; o ranchinho de raparigas, o Carvalho e o professor Torres.

Acolhida com salvas de palmas a troca de galhardetes. Árbitro: o sempre imparcial Luís Gomes de Faria. Capitães das equipas: das jovens, Paula de Macedo; das senhoras, D. Ivone Santos. Juízes de linha: gente moça.

- Prrreee!!! – E começa o jogo.

O grupo de raparigas sobressai pelo entusiasmo infrene consentâneo com a idade, mas encontra uma barreira testudínica na resistência serena e jogo combinado das senhoras casadas.

Numa arrancada das moças o esférico ultrapassa o meio campo, Paula de Macedo finta uma, finta outra, passa à Celeste e esta, colhendo o esférico em boa queda, imprime-lhe rumo certinho às redes GOLO! – goooooolo!

Pouco depois, o grupo das senhoras revela domínio sobre o outro. Margarida apodera-se do esférico e condu-lo em boa ordem, passa à Anastácia e esta à Delmira. Quase à boca das redes, Delmira passa à Gravinda mas esta escorrega e cai sobre a bola quando ia a rematar. Boa oportunidade perdida!

Nova arrancada das jovens, mas facilmente anulada. Agora é Dulce Quintães que intervém. Como sentinela alerta sabe onde estão as melhores do seu grupo. É bloqueada mas consegue, num movimento rápido, passar a bola à Teresa que não perde tempo: - Goooooolo!

O grupo de jovens quer anular o empate, mas as senhoras não deixam. Há alternativas de vantagens e fracassos de parte a parte, até que o árbitro assinala o termo do jogo.

O sol esconde-se para os lados de Cambondo numa tarde tingida da cor do crepúsculo. Vai uma temperatura morna. O céu está lavado de nuvens. Não há vento.

Este pequeno mundo de Evas proporcionou ao Golungo Alto uma das mais belas tardes da sua história.

Equipas das casadas: Anastácia, Delmira, Dulce Quintães, Dulce Rocha, Glória Trovão, Graça Pereira, Gravelina, Ivone Santos, Margarida, Teresa Sampaio, Vicência.

Equipa das solteiras: Alice, Amélia, Alzira, Celeste, Deolinda, Fátima, Inácia, Maria Miranda, Paula de Macedo, Sílvia, Zélia Danin.

«Mafrano» é o pseudónimo literário do escritor angolano Maurício Francisco Caetano, membro fundador da UEA, ex-secretário de finanças no Golungo Alto até 1974 e, posteriormente, nomeado director de finanças e assessor do então Ministro Ismael Martins, em Luanda, até à sua morte, ocorrida em 1982.

A crónica em referência acaba de merecer uma menção honrosa no livro Angola Noutros Tempos, publicado por Jerónimo Pamplona.

MASALA, O LEOPARDO Nº 15 Por: Lito Silva

O CANTO DE LUSUNZI

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

CURSO DE BANDA DESENHADA
INSCRIÇÕES ABERTAS
NA CASA DAS ARTES

HORÁRIO DA SECRETARIA
Das 10h às 18h, de segunda a sábado
Morada Talatona Via 5

contacto
(+244) 996660065
casadasartesluanda
info@casadasartesluanda.com

Curso intensivo semestral
Coordenação Pedagógica

© SismaComics

CASA DAS ARTES